Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca

BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

05 DE AGOSTO
CENTRO SOCIAL URBANO DE ITAUM
JOINVILLE-SC

IMPROVISO NA SOLENIDADE DE ASSINATURA DE CONTRATOS ENTRE O MINISTÉRIO DO INTERIOR E A CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Senhor Governador Henrique Córdova,

Senhor Jorge Bornhausen, nosso Candidato ao Senado Federal;

Senhor Deputado Espiridião Amin, nosso futuro Governador do Estado;

Senhor Deputado Victor Fontana, que secundará o nosso Governador Amin na Governança do Estado,
Senhores Parlamentares,

Senhores Prefeitos, Vereadores, meus Caros Patrícios de Joinville:

Eu poderia dizer muitas coisas que me afligem, como cidadão, como governante, como chefe de família e como cristão. Eu poderia também dizer, ao povo desta terra, as coisas que me confortam, entre tantas amarguras e aflições, as coisas que, no meu dia-a-dia, me confortam.

Ouvi ou li, ontem, pronunciamentos de elementos da Oposição, estranhando a minha presença na praça

pública, para, em contato com o povo, pedir os votos para o Partido Democrático Social.

Esses mesmos que se dizem «os democratas», que são os primeiros a reconhecer como exemplos de democracia, aquelas democracias em que o Chefe de Estado vai ao povo pedir o seu voto, não admitem que, no Brasil, numa hora em que eu me esforço para normalizar a vida democrática do País, fazendo o máximo que posso para que a abertura democrática não falhe. Eles não querem, e estranham, que eu venha ao contato do povo e sentir, através das fisionomias, dos pedidos, dos aplausos e até dos apupos, sentir os anseios da gente da minha terra; sentir se estou certo ou se estou errado; e sentir o que falta para que o povo apóie, de fato, o meu Partido. Não vejo porque essa estranheza na minha presença, em praça pública.

A única razão que poderia atribuir, é que, infelizmente, não devo ser modesto: a minha presença, em praça pública, pode convencer alguém a votar no meu Partido.

Seria bom, muito bom, para eles, se eu ficasse encolhido entre as paredes do Planalto e os deixasse vir à praça pública dar a sua versão da crise por que passa o País; e não permitir que eu, como um dos responsáveis, o maior, pela condução da vida administrativa e política da nossa Pátria, não tivesse o direito de, a esta hora, vir frente ao povo da minha terra e dizer o que o Governo fez, por que o fez, e dizer o que o Governo não fez e por que não o fez, e dizer, apenas, ao povo a verdade, mesmo que essa verdade às vezes dôa para nós, governantes.

Não venho a praça pública pedir os votos para o meu Partido. Seria um insulto à gente da minha terra pensar que a minha palavra fosse mudar a consciência

de cada um dos meus patrícios. Mas venho dizer ao povo da minha terra que, ao votar livre e de consciência, ele tenha bem presente a verdade e que deposite o seu voto na urna com a fé de quem faz o melhor para a sua terra; e deposite o voto na urna, com a certeza de que está ajudando a sua Pátria e os seus patrícios. Não venho pedir votos para o PDS. Mas quero que o povo da minha terra faça justiça aos líderes que possui; e sinto, nesses três anos e pouco que estou à frente do Governo, que para o Estado de Santa Catarina, não vejo melhor do que Espiridião Amin na governança; para Joinville, não vejo melhor do que ter *Lula* ou *Bender, Bender* ou *Lula* na Prefeitura; e não vejo melhor do que ter, no Senado, para me ajudar, e para ajudar Santa Catarina, Jorge Bornhausen.

Se isso é anti-democrático por parte do Presidente da República, dizer francamente ao povo que ele pense o que ele quer, então eu não sei o que é democracia. Porque a eles eu dei o direito de dizerem onde e como o querem. E dizerem, muitas vezes, o que não devem: o que não devem para a sua Pátria e o que não devem como solidariedade humana, porque até ofendem, insultam-me; e quando vou à Justiça da minha terra, para pedir-lhes as contas, estranham: «Que abertura é essa do Presidente Figueiredo, em que eu não posso ofendê-lo na sua dignidade?!» — Deus me livre que a abertura com que eu sonho — e que hei de persistir até o fim do meu Governo —, Deus me livre que essa abertura se transforme num arrombamento verbal para essa gente e se transforme num cerceamento do que está aqui dentro do meu peito! Hei de aceitar as críticas, por piores que elas sejam, por mais rudes e, até, injustas que elas sejam. Mas hei de lutar até o fim, para continuar a ser um homem livre e poder, através das leis da minha Pátria, exigir que me façam justiça. Acredito na Justiça

da minha terra; mas acredito, também, na justiça do povo da minha terra, que, a 15 de novembro, irá dizer a essa gente, e vai fazê-lo livremente; irá dizer a essa gente, se é possível a mim, continuar a sonhar com a normalidade democrática deste País, pacificamente; com a ajuda daqueles que têm fé em mim, e, principalmente, com a fé que eu tenho em Deus.

Muito obrigado aos Senhores.